

DA SUBLIMAÇÃO AO SINTHOME, UMA VIAGEM POSSÍVEL

Abordei anteriormente o caso Juanito, enfatizando o que Lacan chama de saída “falsificada” de sua fobia, falha que ocorre ao acessar a posição paterna via imaginário, identificando-se com o Ideal materno. Embora sua posição seja heterossexual, ele não poderá ter uma posição ativa quanto ao uso de seu pênis, dependendo para isso da iniciativa das mulheres (1).

Como o poder permanece do lado materno, Juanito só aceita ter filhos imaginários com quem se contentar, sendo um verdadeiro criador. Freud aponta em nota de rodapé que parte da libido que compunha o complexo excremental consegue escapar do recalque e assume outro destino, a sublimação, sobretudo por meio da música, traço identificatório que herdará do pai (2).

Mas esse destino pulsional sublimatório não será suficiente para dominar sua angústia, e ele precisará do armamento de uma fobia repressora dos componentes do Édipo. O sintoma do medo do cavalo substitui o significante do nome do pai. A falha paterna determina que ele não possa dar o que prometeu, ou seja, o falo, porque a palavra do pai não faz Lei para a mãe. “Não há pai em toda a história tão real”(3), aquele que reivindica a mãe como objeto de desejo, desde que possua o falo. A normatização edipiana, ou seja, a assunção da masculinidade emulheresdade e a instalação do Ideal do ego, dependem do pai Real, aquele que é objeto de amor por parte do filho enquanto ele é escolhido por uma mulher.

A proliferação de mitos permite uma redução da fobia, um alívio dos sintomas, mas a saída não é bem-sucedida. Por que, apesar da saída sublimatória que permitiu a Herbert Graf (Juanito) fazer um nome reconhecido no mundo da cultura, não há verdadeira saída normativa de Édipo? o que Porque a sublimação não é suficiente para reparar a falha paterna?. Tentarei avançar distinguindo o conceito de sublimação do de sinthoma em Lacan.

Na substituição do nome do pai que permite o sintoma fóbico, o que é reparado não o faz no mesmo local onde ocorre a falha e, segundo a análise lacaniana, isso deixa sequelas: a impossibilidade de acesso à paternidade e a dificuldade em poder fálico.

Tais afirmações lacanianas estão sujeitas a novas revisões, como indicou Sotomayor ao acessar as entrevistas de Herbert Graf e seu pai, Max Graf, divulgadas após a abertura dos arquivos da Fundação Freud. Herbert "foi tudo menos um homem passivo"(4), veio a destacar-se no campo da música, sendo o primeiro mestre encenador de ópera, profissão da qual é reconhecido como criador (5). Ele era pai de dois filhos, Werner e, curiosamente, Hanna (nome da irmã). No entanto, embora o destino de Herbert não tenha sido o previsto por Freud, que assumiu que ele se dedicaria a alguma atividade equestre, nem por Lacan, que previu que ele não cederia à posição paterna, isso não invalida o que a análise do caso nos deixa. : o "WEGEN", o não ser capaz que indica a falta paterna, sendo a fobia uma imitação desse fracasso.

O caso Juanito deixa-nos um enigma, o lugar do cordeiro como quarto termo, o lugar da morte que circula entre os outros três termos e que é essencial no processo sublimatório.

O Seminário 7 nos oferece a fórmula canônica da sublimação: "elevar o objeto à dignidade da Coisa". Não é mais um destino da pulsão, mas faz prevalecer o objeto a partir da recriação de um vazio central, situando-o fora dos objetos do mundo. Na sublimação qualquer objeto ganha dignidade absoluta, que mostra e esconde o vazio central. Freud destaca na sublimação o lugar da obra ligada ao belo e ao que vincula o sujeito à cultura, Lacan nos mostra que o que é digno não depende da estética em jogo, nem da valorização cultural, mas da criação de um vazio espaço.

Há dois destinos pulsionais em Juanito, o do sintoma suplementar do lugar que falta no pai e o da sublimação, mas nenhum repara a falha na estrutura. Ao contrário do que se afirma no Seminário 23 com a análise de Joyce, onde o que amarra ou repara o faz no mesmo lugar onde ocorre a falha. Para que haja reparação, e não apenas substituição, é preciso amarrá-lo no mesmo lugar onde ocorre o deslize do nó. Em Joyce, a falha ocorre

porque o registro do Imaginário permanece livre, não amarrado borronicamente a os registros do Real e do Simbólico. A culpa está ao nível do narcisismo primário pois o corpo, a corda do Imaginário que permite o nó do Simbólico ao Real, formando o verdadeiro buraco pela sua travessia, perde consistência. A memória da infância de Joyce, a partir da qual Lacan lerá a falha na montagem do corpo, é a conhecida cena do espancamento. Depois do que aconteceu, ele sentiu que seu corpo saiu, ele caiu como uma concha. Não há alegria masoquista diante da dor, mas nojo, repúdio ao próprio corpo.

Como Joyce repara essa falha estrutural? Conformando um quarto nó em que o eu vinculado à escrita como saber-fazer permite recompor o emaranhado dos registros Imaginário e Simbólico, em cujo entrelaçamento no nó Lacan localiza o sentido. Sua escrita torna-se seu saber-fazer diante da falta paterna, transformando-se em artista, artifício pelo qual conseguirá um nome próprio que repare a falha original diante da pequenez do pai. Ser artista não é algo que ele faz, mas se torna sua missão, seu destino.

Através do sinthoma como quarto nó, a estrutura se sustenta, e é por isso que Joyce não enlouquece. Para romper com o legado do pai, ele reinventa a língua inglesa, quebra-a, estica-a, espreme-a. Tornar-se artista é sua forma de ir além do pai, saber fazer coisas que não recriam a linguagem, mas a reinventam. Ele faz um nome para si mesmo, desejando ser estudado por estudantes universitários por 300 anos, sua escrita cheia de enigmas sobreviverá a ele.

Embora o Sinthome joyceano tenha um valor reparador, ele também tem um certo alcance, sua limitação. Será sua filha Lúcia que não conseguirá escapar da loucura, buscando sem sucesso um nó na dança que detenha sua condição errática.

O sinthoma não pode, como aponta Harari, ser exclusivo do gênio, do excepcional de uma obra como a de Joyce, mas a posição do sinthoma estará ligada à clínica psicanalítica. A análise permitiria o acesso a uma posição sintomática singular, ou seja, à possibilidade da ação inovadora de cada pessoa. Passar do saber-saber-aí com o que deu origem ao sintoma, arrancar aquele gozo podre, ponto de eterno retorno, possibilitar uma saída inventiva. o sintoma, pois o que inicialmente teve que passar pelo recalque. Só depois

de ter conseguido, não só acessar o saber inconsciente que todo sintoma carrega, mas também poder morder o real do gozo aí retido, é que algo pode ser liberado para outro uso menos sofrido do que o um neurótico. Harari refere-se a artificar, ser artífice, inventor de uma obra que não é apenas artística, embora a inclua, mas a de cada pessoa. E adverte-nos que somos responsáveis pelo, e pelo, saber-fazer, o que implica uma postura ética visto que o sintoma é uma parte inalienável, impossível de ceder-lá.

Notas:

1. Exposto em um trabalho anterior, onde se trabalha a falha na metáfora paterna no caso Juanito.

2. Identificação com o traço do pai, que foi um renomado crítico musical, homem da lei, escritor, e de quem Herbert herdará a paixão pela música e pela ópera.
3. Jacques Lacan, Seminário 5
4. Conforme trabalhado por Sotomayor, que se baseia, por sua vez, em uma série de entrevistas com Herbert e Max Graf, mantidas em segredo nos arquivos da Fundação Freud, nos Estados Unidos.
5. Conforme trabalhado por Sotomayor, que se baseia, por sua vez, em uma série de entrevistas com Herbert e Max Graf, mantidas em segredo nos arquivos da Fundação Freud, nos Estados Unidos.

Bibliografia:

- Análise da fobia de um menino de cinco anos (ou pequeno Hans), (1909) Sigmund Freud, Amorrotu
- Seminário 4, A relação de objeto (1956-1957) Jacques Lacan, Ediciones Paidós
- Seminário 5, As formações do inconsciente (1957-1958) Jacques Lacan, Ediciones Paidós
- Seminário 7 A ética da psicanálise (1959-1956) Jacques Lacan, Ediciones Paidós
- Reportagem para Max Graf por Kurt Eissler, (1962,) Arquivos da Fundação Freud
- Reportagem a Herbert Graf, de Francis Rizzo, (1972). Memórias de um Homem Invisível. Publicado em Opera News
- Herbert Graf: O homem que não era Hans (2009) Héctor Escobar Sotomayor
- Seminário 23, O sintoma, (1975-1976) Jacques Lacan, Ediciones Paidós
- Qual é o nome de James Joyce? (1995), Roberto Harari, ficar com raiva